



Dinâmicas sociológicas e a função feminina em Tarás Bulba, de Nikolai Gógol: a composição histórico-literária de uma sociedade viril.

Marconi Severo¹

RESUMO

Tarás Bulba, de Nikolai Gógol, é um romance mundialmente consagrado por retratar a saga épica dos cossacos, isto em pleno o “selvagem século” XVI. Este artigo é fruto da análise sociológica e literária de dois pontos estruturais da narrativa: (1) a conversão do homem hobbesiano em seu estado de natureza para um estágio civilizado, com formação de múltiplas estruturas sociais e do próprio Estado moderno, e (2) da condição feminina, tanto no seu papel em relação à estrutura narrativa quanto à sua participação enquanto personagem. Tal análise do enredo demonstrou a profunda sensibilidade literária de Gógol, ao mesmo passo em que realçou complexas dinâmicas sociais e simbólicas, com destaque especial para a historicidade e universalidade da dominação masculina, tal como referiu-se Pierre Bourdieu. Ademais, conceitos bourdieusianos como *habitus*, campo e violência simbólica também são observáveis em Tarás Bulba, o que reflete seu potencial cognitivo.

Palavras-Chave: Dominação Masculina, Literatura, Sociedade, Tarás Bulba.

Recebido em 04/09/2018

Aceito para publicação em 03/12/2018

DOI: <https://doi.org/10.25067/s.v22i2.19431>

Introdução: Nikolai Gógol, o homem e a obra

Em termos de literatura, é consensual entre leigos e doutos o fato de que as obras clássicas, mais do que frutos de uma conjuntura (época, gênero, sociedade), são também resultados da capacidade ímpar de determinados autores, verdadeiros gênios literários, em retratar e registrar as mais diversas manifestações humanas, as quais são endereçadas à própria Humanidade. O seu poder está além do erudito diletantismo pelo qual normalmente é subtendido,

¹ Mestrando em Políticas Públicas pelo Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas (PPGPP) da Universidade Federal do Pampa - UNIPAMPA; Graduado em Ciências Sociais – Ciência Política pela mesma universidade. E-mail: marconisevero@hotmail.com.

uma vez que as obras literárias podem ser um titânico fomentador político, histórico e sociocultural. É nesse sentido que se compreende o clássico literário, ou seja, como uma inexorável contribuição para o desenvolvimento das capacidades cognitivas do ser humano (somada, ainda, às suas capacidades anímicas, em um sentido existencialista), o que conseqüentemente é responsável por caracterizá-lo como um caso *par excellence* de epistemologia.

Não por acaso os clássicos possam ser utilizados como um potencial instrumento educacional nas instituições escolares (independente do nível de escolaridade). Inclusive, um clássico pode ser tão abrangente quanto o científico, pois, em alguns casos, seu poder de alcance/repercussão pode ser ainda maior, sobretudo por duas razões (1) não existe excessiva rigidez estrutural quanto aos critérios endógenos ao campo literário² e, (2) sua linguagem é relativamente mais universal do que a de outros campos (científico, jurídico, médico, etc.). Em outras palavras, se os mecanismos utilizados para a produção de uma obra literária são de difícil assimilação para o grande público – situação esta que funciona também como um limitador ao ingresso no campo literário, pois, do contrário, qualquer pessoa seria facilmente uma autora –, os frutos desta aguçada percepção, por sua vez, são relativamente mais fáceis de serem assimilados, pela universalidade da linguagem, do que alguns discursos técnico-científicos.

Tal concepção está na base da argumentação pedagógica desenvolvida por Zanetic (2006). Para este autor, as capacidades cognitivas despertadas através de um clássico literário tornam-lhe um excelente instrumento didático para ser utilizado tanto na educação infanto-juvenil quanto na de adultos (especialmente os níveis iniciais do Ensino Superior, tais como o bacharelado e a licenciatura). Citando Edgar A. Poe (1809-1849) como exemplo, Zanetic realça o potencial cultural e escolar que pode ser fomentado através da literatura, a qual é capaz de amalgamar “*os mais variados aspectos e conteúdos, ora enfatizando a presença da ciência na literatura, ora analisando possíveis previsões científicas praticadas por grandes escritores: os escritores com veia científica e os cientistas com veia literária*” (2006, p. 57). Além do caráter científico-literário, característico do final do século XIX, há também um universo ricamente contemplado pela áurea cultural, sociológica e política, as quais refletem contextos, épocas e formações culturais imemoriais.

Para a devida percepção e análise destes aspectos em Tarás Bulba, exige-

² O termo *campo* refere-se à contribuição conceitual do eminente sociólogo Pierre Bourdieu.

se do leitor uma acurada percepção crítica, uma vez que se trata de uma obra publicada no início do século XIX, retratando uma cultura distinta da latino-americana e em pleno século XVI. Desta forma, estudá-la somente é possível através de uma criteriosa tradução que leve em consideração a complexidade do legado gogoliano. Considerar a importância do papel desempenhado pelo tradutor, assim como da distinção contextual (duplamente complexa, pois está culturalmente e cronologicamente deslocada), significa comungar da opinião de Cavaliere³ (2006, p.177), segundo a qual “*a tradução da prosa e da dramaturgia gogolianas deve perseguir, antes de tudo, a fidelidade ao ‘espírito’ e ao ‘clima’ do traduzido, ao ‘tom’ gogoliano original, tão característico e expressivo dentro da tradição literária russa*”, o que deveras é imprescindível à análise efetuada.

A relação estabelecida entre tradução/tradutores e mercado literário é chave para compreender o avanço da literatura russa no Brasil. É justamente nesse sentido que Sales (2013, p. 1), afirma que “*a tradução de autores russos no Brasil experimenta atualmente um grande crescimento, alimentado, inclusive, pelo aumento do número de tradutores especializados*”⁴. Esta “especialização” sugere, inclusive, uma maior participação do universo acadêmico neste contexto, o que pode ser observado sobretudo através de programas de pós-graduação; no entanto, deve-se ressaltar que a recepção de alguns autores como, por exemplo, Nikoli Gógol, é ainda incipiente no Brasil, fato este que responde pelo reduzido número de trabalhos na área, especialmente sobre Gógol.

Outro fator-chave diz respeito à dominação masculina e sua conseqüente violência simbólica sobre homens e mulheres, conforme constatou Bourdieu (2017). Este último aspecto, interpretado de acordo com a *função feminina na narrativa*, é extremamente relevante, pois é por seu intermédio que Gógol torna explícita algumas dinâmicas sociais do contexto em que se desenvolve a trama, assumindo inclusive um caráter muito próximo ao da literatura naturalista que viria a florescer no final do século XIX.

Tarás Bulba trata-se, para alguns, de um romance, para outros, de uma

³ Para a autora, a tradução assume um papel indispensável à transmissão mais fidedigna possível com o “*comprometimento da arte*” e com o *autor traduzido*. Segundo Cavaliere, “*traduzir é, sem dúvida, a maneira mais atenta de ler, pois é ler com acuidade, é penetrar melhor na obra. Talvez seja até a melhor leitura que se pode fazer de um texto literário*” (2006, p. 177).

⁴ Complementa ainda a autora que, “*se, num primeiro momento, predominavam obras traduzidas do francês e mais tarde também do inglês, agora situações desse tipo são raríssimas exceções, e a maioria dos novos títulos têm tradução direta*” (SALES, 2013, p. 1).

novela; no entanto a consensualidade é óbvia ao considerá-lo como um autêntico e inigualável clássico da literatura mundial, cujo enredo se passa nas álgidas estepes do que hoje se conhece por Ucrânia. Conforme a colocação de Sales (2013, p. 2), o escritor Nikolai Vasilievich Gógol (1809-1852) é “*ao lado de Aleksandr Púchkin (1799-1837), considerado o fundador da literatura russa moderna*”, opinião igualmente comungada neste texto. Ademais, esta distinção lhe é conferida não sem bons motivos, pois Gógol destacou-se ainda em vida pelo seu viés folclórico, social e cultural, demonstrando uma acurada percepção literária do seu contexto (o mesmo que lhe serviu de inspiração para um de seus mais bem acabados frutos, o conto *O capote*).

Em uma conjuntura de titãs, pode-se dizer que, assim como o legado de Mozart influenciou decisivamente a obra de Beethoven, também a obra de Gógol deve ser entendida como precursora de uma corrente literária que fora desenvolvida ao longo do século XIX. Dentre as personalidades destaques, em termos de herança literária, o nome a ser citado não poderia ser outro senão o de Fiódor Mikhailovitch Dostoiévski (1821-1881). Para o incomparável Dostoiévski, o legado de Gógol possui um valor incomensurável (o que, é claro, também se fez sentir nos demais autores de sua geração), tanto que chegou a afirmar que “*todos saímos de O Capote*”. Tal afirmação, presente neste contexto, por ser compreendida como “*uma alusão precisa aos desdobramentos da produção literária gogoliana nos rumos da prosa russa moderna*” (CAVALIERE, 2006, p. 171).

Ler Nokolai Gógol é empreender por um universo que é ao mesmo tempo peculiar, universal e atual. O seu legado é ilustrativo sobre a composição dos atuais Estados da Europa Oriental, assim como características da própria formação do povo eslavo. Todavia, deve-se ter em mente que “*as narrativas folclóricas de Gógol apresentam-se como testemunhas de uma época pré-capitalista e como contestadoras desta estrutura histórica*” (BITTENCOURT, 2017, p. 13), o que remete a uma leitura necessariamente isenta de algumas interpretações correntes, assim como de juízos de valor.

Feito o preâmbulo e as necessárias ressalvas, pode-se apresentar o texto. O mesmo divide-se em dois momentos, no qual a primeira parte analisa a conjuntura sociopolítica descrita na narrativa, focando nas dimensões sociológicas para, em seguida, abordar o vital e álgido contexto feminino da obra, o que permite, ao final, tecer algumas considerações finais. É interessante ressaltar ainda que, ao longo de toda a análise, há uma sugestiva sincronia analítica que pode ser efetuada entre Tarás Bulba e o legado de Bourdieu, fato

este que favorece sobremaneira a interpretação das capacidades cognitivas empreendidas ao longo do texto.

Dinâmicas sociológicas, sociedade e política em Tarás Bulba.

A análise desta dimensão da obra somente é possível através de um olhar epistemológico atento, tal como sugerido por Pierre Bourdieu em seu vasto legado. Já logo no início da trama, há não somente uma apresentação, mas o realce da importância decisiva que possuem as posições sociais dos personagens, fato este corriqueiro ao longo deste romance; inclusive, as posições sociais determinam grande parte da narrativa, uma vez que a mesma consiste na descrição do cenário belicoso da guerra por posições sociais e de mando. O comportamento de cada pessoa e/ou classe, seja ele condizente com suas reais posições ou potenciais pretensões, assim como o intuito de assimilar, assumir e demonstrar publicamente as suas novas posições e correlatas distinções, quando é o caso de ascensão social, torna-se deveras evidente quando o narrador descreve um ambiente estruturalmente organizado com base em posições de comando, no qual assenta-se o “anárquico” exército cossaco.

Com base nesta conjuntura social, Gógol torna explícito o ônus acarretado pela posse de determinadas posições e distinções sociais e/ou militares, o que é demonstrado por meio da autoridade pessoal baseada no poder conferido pelo posto, o que remete às concepções de que o poder, neste caso, não é intrínseco à *persona*, mas pertence à posição que a mesma ocupa, conforme observou Weber (2003). O mesmo também fora relatado por Bourdieu e Passeron (2013) que, no seu clássico estudo sociológico das instituições escolares, afirmaram explicitamente a existência do caráter arbitrário da autoridade (sendo esta a razão que motivou, para o caso específico da educação escolar, a criação do conceito de Autoridade Pedagógica – AuP).

Em outras palavras, Gógol utiliza com maestria os postos de coronel e *kochevói* (comandante-em-chefe) para, por meio deles, explicitar toda a organização de comando, distinções e posições sociais inerentes à posse de tais postos (utilizando-se, inclusive, de preceitos como honra e religião para ilustrar tal processo). Em suma, é visível a prática de assimilação do contexto social pelo indivíduo, assim como sua individuação em relação ao social, o que caracteriza o conceito de *habitus* proposto por Bourdieu. Em termos de posições sociais, Gógol, por meio de sua sensibilidade literária, soube retraduzir o poder de dominação *versus* autoridade contida em determinadas estruturas historicamente constituídas, pois sua trama aborda tal construção sociológica

baseada na *autoridade de mando*, ou seja, um reflexo personalista do posto ocupado.

Mais do que isto, a dimensão da percepção literária gogoliana é decisiva ao reconhecer o caráter universal e fundamental que certas instituições desempenham, desde tenra idade, na sociedade; e esta observação deve ser duplamente avaliada, pois Gógol escreve no início do século XIX, porém retratando um contexto social ainda mais distante historicamente, que é o século XVI. O reconhecimento da autoridade como legítima e legitimadora é relatado ao leitor de tal forma que, sem prejuízos, pode-se traçar um paralelo com os achados de Bourdieu e Passeron (2013), os quais baseiam-se no caráter arbitrário presente nas instituições escolares. Gógol, bem sabendo do poder de inculcação e de formação dos cidadãos por meio de algumas instituições, serve-se da analogia ao ambiente escolar para retratar o contexto belicoso *in natura* do período e a necessidade de respeito às autoridades:

Um aluno que machuca outro sem querer, e recebe deste último uma reguada na face por causa disso, fica ardendo como fogo e salta enfurecido da carteira para perseguir o seu colega assustado, pronto para fazê-lo em pedaços; mas de repente ele esbarra no professor que entrava na classe: num instante o ímpeto de fúria se abrandando e a raiva impotente diminui. (GÓGOL, 2011, p. 131)

O narrador expressa muito mais do que a autoridade legítima, conferida ao professor por meio da posição que o mesmo ocupa (assim como do seu papel legitimamente conferido para a transmissão e inculcação do arbitrário cultural dominante); este intuito também pode ser interpretado como uma forma de retratar a incipiente construção do Estado moderno, tal como o conhecemos hoje, ou seja, via Contrato Social. Tal concepção é perceptível quando o “ímpeto de fúria” do homem hobbesiano “se abrandando”, por medo de represálias (poder de coerção do Estado, representado pela autoridade conferida ao professor), tornando-se uma condição *sine qua non* para o convívio em sociedade (ordem social mínima à convivência gregária humana).

A forma como Gógol descreve este cenário torna ainda mais evidente o processo da *necessária imposição* de autoridade por meio de instituições socialmente legítimas e legitimadoras (escola, Estado, Igreja, leis) para, somente assim, tornar possível a convivência humana. Como é perceptível, Tarás Bulba trata-se de uma obra de viés histórico, cujo foco consiste na epopeia dos cossacos e do próprio povo eslavo, no que diz respeito à formação de seus Estados soberanos em pleno o “selvagem século XVI”, momento histórico no

qual também fora publicado *O príncipe*, de Maquiavel⁵⁵. Este período em tela (leia-se recorte histórico) retrata, nas palavras Bittencourt (2017, p. 2), “*um conflito militar com a participação dos cossacos, num texto que pode ser visto como uma novela épica*”, semelhante à Odisseia e Iliada, de Homero.

O caráter histórico da narrativa, por si só, pode ser um interessante instrumento para fins de dominação política. Isto ocorre (1) por meio de fatos históricos relativamente verídicos (guerras, heróis, monumentos, etc.), ou (2) através de fatos historicamente constituídos e, às vezes, duvidosos (mitos, lendas, crenças). É importante ressaltar que se pode recorrer a ambos como instrumento legítimo e legitimador de posições arbitrárias, tanto politicamente quanto culturalmente (o que é o caso deste romance). Ter em mente o aspecto político dos “usos de Tarás Bulba” é algo inexoravelmente necessário à compreensão das razões que levaram o regime autoritário soviético, de acordo com Santos (2011), a utilizar-se desta obra, ou seja, o seu uso arbitrário serviu tanto para legitimar a dominação política sobre boa parte do povo eslavo quanto minimizar as dissonâncias entre alguns Estados eslavos subjugados ao poder de Moscou.

Esta conjuntura, como é de se supor, gerou um imbróglcio que levou à disputa entre Ucrânia e Rússia pela nacionalidade de Gógol, uma vez que, durante o período em que escrevera, a Ucrânia fazia parte do Império Russo. Inclusive, o reconhecimento do potencial histórico e sociopolítico contido em Tarás Bulba levou o autor, ainda em vida, a modificar a narrativa. Isto se deu graças à reedição da obra, uma vez que sua primeira edição data de 1835, a qual contém um total de nove capítulos, cujo viés é pró-Ucrânia; no entanto, fora reeditada pelo próprio autor em 1842 e acrescida de mais três capítulos, desta vez, com viés pró-Rússia, conforme relatado por Santos (2011).

Este é o ponto crucial que levou Bittencourt a constatar que Gógol “*escreveu em russo e foi reconhecido pelo público e pela crítica da época como um escritor desta nacionalidade, embora atualmente os ucranianos disputem aos russos a pertença do escritor ao seu panteão nacional*” (2017, p. 1). Tal disputa, no entanto, deve ser compreendida antes pelo seu valor simbólico,

⁵⁵ Em vários pontos, a narrativa se assemelha a obra citada. Maquiavel, no entanto, formula em *O príncipe*, uma narrativa semelhante a um guia prático para a conquista e manutenção do poder, seguido de indicações para a formação do Estado moderno italiano. É bem possível que o mesmo tenha servido de inspiração a Nikolai Gógol.

capaz de legitimar posições sociopolíticas e culturais, do que pelo objeto em si, neste caso, o autor. A atenção de Gógol para com a riqueza de detalhes presentes na descrição do contexto geográfico e humano, assemelhando-se de uma pesquisa antropológica, fez desta obra um parâmetro em termos de compreensão da organização humana, mesmo em sua versão mais arcaica e belicosa, porém nem por isso despolitizada (o homem do século XVI).

As atividades sociais descritas ao longo do enredo, sendo que quase todo ele se passa em um cenário de guerras (a quais são vistas como atividades lúdicas, *porém letais* ou mesmo como um ato de iniciação do *menino* na vida adulta e *viril*), representam uma fase histórica relativamente primitiva da Humanidade. Este caráter possibilita uma analogia, pelo menos em parte, à concepção contratualista de Thomas Hobbes (2014), na qual o caráter belicoso endógeno à natureza humana deve ser controlado, o que ocorreria através de um contrato social em que os homens delegariam parte de sua autonomia ao soberano, compondo assim a fundamentação teórica que serviu de base para o absolutismo dos séculos XVII e XVIII.

Esta descrição possui ecos em Tarás Bulba, porém de modo distinto, pois ao contrário de Hobbes (2014), não há uma defesa pelo absolutismo político. Em contrapartida, existe uma incondicional crença dos cossacos (1) no seu *kochevói* e (2) no papel exercido pela religião, a qual, com base na fé e obediência à Igreja Ortodoxa Russa, compõe a irrevogável amálgama da *honra cossaca*, ou, em outras palavras, o *habitus* ao qual se referiu Bourdieu. Ademais, este contexto remete ao poder decisivo que algumas instituições, tais como a Igreja e a Escola, exercem sobre o contexto social.

É através do comprometimento cossaco com a fé, fomentado pela educação primária (familiar) e pela educação secundária (escolar), que pode-se compreender o papel decisivo que tais instituições desempenham para com a consolidação dos Estados eslavos modernos. Eis a base legítima e legitimadora da lealdade recíproca do exército cossaco, ou seja, *autoridade de mando* legitimada pelo suporte institucional de estruturas historicamente constituídas (BOURDIEU, 2002, 2007). Fato este que pode ser facilmente percebido no exato momento em que o *kochevoi* (líder do exército cossaco) mantém um diligente diálogo com seu exército:

- *Permitam-me, senhores, dizer mais uma coisa!*
- *Basta! – gritaram os zaparogos. – É melhor não dizer*

mais nada.

– Então, que assim seja! Sou um servo da vontade de vocês. É sabido por todos, e sabe-se pelas Escrituras, que a voz do povo é a voz de Deus. É impossível imaginar algo mais inteligente do que aquilo que é imaginado por todo o povo (GÓGOL, 2011, p.51)

A autoridade e legitimidade de decisões políticas só podem ser conferidas de duas formas; e ambas são trabalhadas por Gógol neste romance. A primeira diz respeito à existência de um contrato social (uma constituição) e regras formais e legais explícitas (leis) e a segunda, por sua vez, refere-se às construções socialmente reconhecidas como legítimas, sejam elas veladas ou explícitas (convenções sociais) como é o caso da maioria das sociedades modernas. Todavia, é importante ressaltar que a existência de um destes aspectos não necessariamente suprime a existência do outro; aliás, a tendência é de que ambos reafirmem-se reciprocamente. Cabe ao Estado, enquanto principal instituição política, a legitimação das ações políticas; no entanto, com a inexistência ou o não-reconhecimento deste, instituições como a família, a Igreja, os laços familiares e a própria organização comunal, como é o caso do exército cossaco, tendem a substituí-lo ou complementá-lo.

Esta é esta uma das maiores contribuições de Tarás Bulba, ou seja, a narrativa coloca em evidência o papel desempenhado pelas convenções sociais ao mesmo tempo em que sugere a necessidade de legitimá-las institucionalmente. Fato este que está na gênese de diversas manifestações sociopolíticas atuais, no sentido de legitimar, garantir e proteger via *manto legal*, manifestações de caráter cultural e social. É com relação a este contexto sociopolítico que se pode compreender a posição do coronel Bulba. O mesmo é um representante *par excellence* de uma posição socialmente privilegiada em relação ao exército zaparogo, fato este duplamente reforçado, seja (1) pelo caráter militar da organização hierárquica de mando, seja (2) pela associação entre posição privilegiada socialmente e economicamente com uma posição política de destaque, a qual acarreta, neste caso, no ônus da constante reafirmação de uma virilidade típica de um “homem bravo”.

Em síntese, estes dois pontos referem-se ao necessário acúmulo de capital simbólico como algo inerente ao posto de destaque ocupado por Tarás Bulba. Esta distinção simbólica somente é possível através da “*aquisição de uma reputação de competência, além de uma imagem de respeitabilidade e honorabilidade*”, as quais são “*facilmente convertíveis em posições políticas de*

notável no plano local ou nacional” (BOURDIEU, 2013, p. 272). Observa-se que há uma correlação de forças e de capitais (social, político, simbólico, econômico) que favorece círculos sociais com características peculiares (o *habitus* ao qual se referiu Bourdieu), fato este que realça as distinções sociais e a necessidade velada e/ou explícita de comportamentos condizentes com tais posições (o que ocorre através da assimilação de estruturas subjetivas da sociedade, o que fica patente nos ensinamentos de Bulba aos seus filhos).

A própria concepção do que hoje entende-se por forças armadas torna-se inválida para o contexto em tela, uma vez que o espírito de união cossaca é explicado muito mais por questões de honra e tradição religiosa do que pela hierarquia propriamente militar. Tanto é que paira sobre essa turba de soldados, com nítida constância, uma imagem de anarquia política. Este aparente caráter de desorganização, conforme se referiu Santos (2011), deve-se ao valor que a *liberdade*, enquanto um bem inalienável possui para aos cossacos, seja na organização interna do seu corpo militar, seja na percepção externa, quando ao contexto de um Estado livre (fato este que Gógol descreve através da luta dos cossacos contra a tirania das oligarquias opressoras, especialmente composta por poloneses). Este fator é elucidativo no sentido de que não há uma união de todo o povo eslavo (assim como não há uma união latino-americana), mas sim uma luta pela formação de Estados soberanos e autônomos, ainda que pertencentes à mesma cultura.

É neste ponto da narrativa que alguns personagens são trazidos à luz da ribalta, a fim de evidenciar a forte correlação entre as posições políticas de destaque a posição social dos seus ocupantes, caracterizando, inclusive, as distinções entre classes por meio de vestimentas, hábitos alimentares, gostos, etc., o que está em plena sintonia com os achados de Bourdieu (2013). Semelhante à estrutura de um conto, o ápice da narrativa encontra-se no crepúsculo, momento este em que Gógol efetua uma descrição satírica (tão característica ao autor) que, pela sua atualidade, torna-se ambígua, pois se aplica tanto ao contexto do século XVI quanto ao contexto no qual escreve, ou seja, em meados do século XIX.

Em vão o rei e muitos cavaleiros, iluminados pela razão e a sensibilidade, demonstraram que o rigor daqueles castigos poderia atizar a vingança da nação cossaca. Mas o poder do rei e das opiniões sensatas não era nada perante o desregramento e a vontade insolente dos magnatas do Estado, que com sua insensatez, sua incompreensível falta de perspicácia, seu pueril amor-

próprio e seu orgulho fútil, haviam transformado o Parlamento numa caricatura do governo. (GÓGOL, 2011, p. 155)

Esta ambiguidade pode ser interpretada como uma crítica às instituições e aos principais dirigentes políticos à época de Bulba sem, no entanto, minimizar a acidez satírica de tal comentário frente ao contexto do próprio autor. Considerando a concepção gogoliana pré-capitalista, conforme referido por Bittencourt (2017), compreende-se que o exército lutava contra uma opressão de uma classe dominante (poloneses) que era composta, sobretudo por nobres; uma nobreza hereditária. Porém, ainda que os mesmos fiquem a frente do Estado, na prática, seu poder tem se reduzido aos poucos, sendo o mesmo exercido pelos “magnatas do Estado”, o que pode ser interpretado como a burguesia em ascensão.

Quanto ao exército cossaco, ainda que vejam a guerra como um rito de passagem do menino à fase adulta, compreendendo-a como algo vital à própria existência enquanto cossacos, nem por isso o homem belicoso descrito por Gógol deixa de temer a constância desta insegurança, necessitando assim da segurança institucional de uma paz senão sagrada (Igreja), pelo menos legal (Igreja e Estado). Aliás, a própria filosofia existencialista dá seus primeiros sinais vitais neste contexto, o que é patente quando, através da reflexão de um valente cossaco, é posto em dúvida seu ímpeto guerreiro, denotando que mesmo entre os que veem a guerra “algo necessário, como o sangue nas veias”, também surge a necessidade de uma construção social livre, autônoma e pacífica (o Estado legal, livre e pacífico):

Ou será que... Mas o futuro é desconhecido; ele fica diante do homem semelhante à névoa de outono que se levanta dos pântanos. Nele as aves voam loucamente, para cima e para baixo, rasando com as asas e sem que umas percebam as outras – a pomba não vê o gavião, o gavião não vê a pomba – e ninguém sabe a que distância está voando de sua perdição... (GÓGOL, 2011, p. 66)

Com um cenário social como este, entremeado por batalhas e contrastes altamente violentos, como são descritas as relações entre os sexos? Afinal, mesmo nas sociedades mais arcaicas, pode-se encontrar aquilo que Bourdieu (2017) referiu-se como a divisão sexual do trabalho. O papel desempenhado pela mulher em Tarás Bulba possui uma função duplamente vital, uma vez que a mesma confere a narrativa um viés romântico (especialmente realçado pela juventude dos dois filhos de Tarás Bulba) e, por outro lado, fornecer o suporte

necessário para a descrição mais precisa possível daquele contexto (o que, sem considerar a função literária feminina, seria impossível).

A função feminina em Tarás Bulba e a universalidade da dominação masculina.

O papel desempenhado pelas mulheres é indispensável à narrativa de Tarás Bulba; tanto é que, se suprimido a função feminina no enredo, o romance perderia sua própria estrutura literária. Apesar de grande parte do romance se passar em campos de batalhas, recheados de toda sorte de comportamentos simiescos associados à virilidade e ao poder de mando, a narrativa só adquire seu caráter romântico quando o filho caçula do coronel Bulba apaixona-se pela filha do líder do exército inimigo. Este fator estrutural da narrativa é decisivo para o desfecho do enredo, uma vez que em um ambiente no qual os capitais mais valiosos são a honra e a virilidade, é preferível perder a própria vida por suicídio do que render-se ao exército inimigo, conforme prédica dos líderes cossacos (o que sugere o *tom* do romance).

Dessa forma, a função da presença feminina na narrativa tem como foco realçar as posições masculinas, em especial as fraquezas do “bom soldado”. É o que acontece quando o filho do *kochevói* apaixona-se, o que, conseqüentemente lhe confere um caráter de duplamente vilipendiado, uma vez que (1) assume um viés de covarde/traidor e, o que é pior, (2) deixa-se levar pelos impulsos e paixões de uma mulher. Esta relação atinge não apenas a relação sentimental entre duas pessoas, mas fere um vasto corolário de convenções sociais historicamente inculcadas e constituídas (*habitus* cossaco) as quais somente poderiam ser observáveis quando realçadas pelo auxílio feminino. O enredo de Tarás Bulba possui, em seu âmago, uma estrutura fortemente marcada pela constância masculina, o que realça a profunda percepção histórico-literária de Gógol⁶.

O poder de mando de Bulba é evidenciado de todas as formas, inclusive pela autoridade paternal, uma vez que em momento algum da narrativa os filhos de Bulba assumem um caráter totalmente independente e autônomo em relação ao seu pai; ambos encontram-se relegados à paternal tutela opressiva ou, então, ao comando de algum líder cossaco (reforçando a autoridade militar). Percebe-

⁶ Segundo Santos (2011), a escrita deste romance somente foi possível após minuciosas pesquisas históricas, desenvolvidas pelo próprio Nikolai Gógol.

se que o papel exercido pelas mulheres está intrinsecamente relacionado com o dos jovens, o que sugere a percepção de um contexto débil, frágil, inseguro e que, por estas razões, necessitam da presença tutelar masculina, ou seja, um perfeito exemplo de violência simbólica (BOURDIEU, 2017). Esta é a razão pela qual o papel feminino está dividido em tão somente duas posições: maternal e amante/mãe e esposa – ambas submissas à dominação masculina.

Gógol utiliza-se da função feminina em três ocasiões distintas, sendo duas delas explícitas e uma velada. As duas primeiras formas estão presentes no início e na segunda metade da narrativa, respectivamente com a esposa de Bulba (mãe de seus filhos) e a “bela jovem” (esposa do seu filho caçula); a forma velada diz respeito às constantes associações que os cossacos fazem de quaisquer compartimentos frágeis como sendo femininos logo, desvalorizados simbolicamente. A dominação masculina é representada logo nas linhas iniciais do romance, quando narrador utiliza-se dos filhos de Bulba (recebidos por este ao chegarem do seminário após longo tempo sem ver a família) para descrever o contexto viril no qual será desenvolvida a narrativa.

Ao aproximarem-se de casa, Bulba recebe seu filho primogênito com uma brutal luta física, na qual, como é de se esperar, o jovem vê-se subjugado pelo pai. Terminado o corpo a corpo, o velho coronel abraça o filho e lhe elogia por valentia, mas o reprime por sua fraqueza (o bom seria se ele tivesse vencido seu próprio pai, pois demonstraria maior força física e virilidade). A pungente reprimenda, recheada de picardia, coube ao filho caçula, que sequer lutara (mesmo após provocações adversas do próprio pai). Tal fato pode ser interpretado pelas duas formas: (1) aos olhos dos cossacos, trata-se de uma predisposição à covardia por parte do jovem ou, sincronicamente, (2) de acordo com Bourdieu, trata-se de uma opcional não-assimilação daquele *habitus* selvagem, o que vai contra as disposições sociais esperadas deste, em especial, por seu pai.

Terminada esta peculiar recepção, todos retiraram-se para o interior do lar paterno, onde ambos os jovens podem, enfim, saudar sua “velha mãe” – que os assistia calada frente à tão natural demonstração de virilidade cossaca. Esta parte da narrativa é isolada, pois o papel maternal não torna a aparecer. Tal mulher, mãe e esposa, assume um papel de submissão explícita e velada, sem voz ativa alguma, assumindo o papel de mera serviçal que subjugada aos preceitos da divisão sexual do trabalho, uma típica vítima (de um caso extremado) de violência simbólica da dominação masculina (BOURDIEU, 2017).

Para comemorar a chegada de seus filhos, Bulba promove uma anárquica comilança e bebedeira, na qual resta a “velha mãe e esposa” apenas assistir à algaravia dos zaparogos (no entanto, é importante ressaltar que o narrador sugere que o coronel cossaco ama sua esposa, ainda que de uma forma estranhamente peculiar ao leitor atual)⁷. Deve-se ressaltar também que em momento algum ela pôde conversar com seus filhos, desde a chegada destes, pois o pai assume papel exclusivo e dominante sobre o cenário a tal ponto que anuncia que, ao romper da aurora, levaria seus filhos para conhecerem a guerra, ou seja, os levaria para “tornarem-se homens”. Tal processo de *iniciação* é considerado como habitual entre os cossacos, porém vital e necessário tanto para os filhos de Bulba quanto para a própria honra do velho coronel, devido às posições sociais que estes ocupavam naquele contexto.

Passadas algumas horas de pranto escondido em relação ao anúncio, a esposa de Bulba tenta persuadi-lo em contrário a tal anúncio, no que é veementemente repudiada. Nem mesmo os jovens fazem oposição, uma vez que estão deveras persuadidos pelo ambiente; anseiam sem saber ao quê, agindo assim pela mesma razão eufórica dos demais homens (o contexto social formando o indivíduo). Quando todos dormiam à alta madrugada, divagando em ébrios devaneios, a “velha mulher” esgueirou-se até seus filhos, abraçando-os e beijando-os convulsivamente aos prantos, justamente por não ter tido tempo de sequer saudá-los e, o que é pior, sabia dos riscos que os esperavam em tal provação (função literária maternal, a qual é capaz de associar o jovem à mulher, e ambos à fragilidade e à insegurança).

Ao romper da aurora, Bulba ordena a partida. Tal como uma ópera de dois atos, este primeiro termina com uma “velha mulher” aos prantos, na soleira da porta de sua casa (sugestivo do local conferido à mulher naquela sociedade e contexto). Como pode ser observado, Gógol consegue extrair, no âmago da natureza humana, elementos literários que tornam a trama realista e envolvente, fornecendo vivos matizes à narrativa (aspectos que seriam mais tarde aprofundados por Dostoiévski). Os ecos desta primeira parte estendem-se por toda a narrativa como, por exemplo, quando o filho caçula, ao longo da viagem, recorda de sua mãe com um sentimento umbilical, ao passo que seu irmão mais

⁷ Este é um dos exemplos que obriga ao leitor, mesmo o dileitante, a efetuar uma leitura desprovida de juízos de valor e de concepções atuais, pois Gógol utiliza-se de exemplos e expressões que, às vezes, soam ácidas ao leitor atual, com o fim único de tornar a narrativa o mais próximo possível da realidade na qual a trama de desenrola. Além dos usos “da função feminina”, outros que causa certa estranheza ao leitor desprevenido diz respeito ao preconceito étnico para com os judeus e alemães.

velho, portanto mais próximo de exaltar sua virilidade (rito de iniciação) e, com isso, conseguir reconhecimento de seus pares (principalmente de seu pai), já não sente falta da mãe – é independente da influência feminina, fruto de uma bem-sucedida assimilação do *habitus* cossaco.

As predisposições comportamentais tipicamente femininas são indícios, segundo a visão cossaca, de fragilidade, fraqueza, medo, insegurança, sentimentalismo, etc., em suma, o oposto dos viris padrões valorizados pelos zaporogos. Gógol consegue, ao utilizar-se de tais antagonismos, descrever com maestria a sociedade e as dimensões sociológicas e políticas do “selvagem século XVI” (ainda tão atual na sociedade contemporânea). A função feminina presente na narrativa serve, também, para fundamentar e explicar alguns matizes sendo que o principal dentre eles é a virilidade e sua constante necessidade de reafirmação, o que é, *a fortiori*, o melhor exemplo de vítimas da violência simbólica – razão que torna *Tarás Bulba*, de Gógol (2011), um eco recíproco de *A dominação masculina*, de Bourdieu (2017).

Segundo Bourdieu, a virilidade “*é uma noção eminentemente relacional, construída diante dos homens, para os outros homens e contra a feminilidade, por uma espécie de medo do feminino, e construída, primeiramente, dentro de si*” (2017, p. 79). Para dar um toque de interpretação sociológica à trama, pode-se encontrar uma perfeita sintonia entre o que descreve Bourdieu e o contexto literário descrito por Gógol, mesmo que entre os autores tenha quase um sesquicentenário separando-os. Segundo Bourdieu

Certas formas de “coragem”, as que são exigidas ou reconhecidas pelas forças armadas, ou pelas polícias (e, especialmente, pelas “corporações de elite”), e pelos bandos de delinquentes, ou também, mais banalmente, certos coletivos de trabalho [...] encontram seu princípio, paradoxalmente, no medo de perder a estima ou a consideração do grupo, de “quebrar a cara” diante dos “companheiros” e de se ver remedido à categoria, tipicamente feminina, dos “fracos”, dos “delicados”, dos “mulherzinhas”, dos “veados”. [...] (BOURDIEU, 2017, p. 78-79).

Ainda que sem a presença direta de uma mulher, a própria condição feminina, ou melhor, a interpretação desta, exerce uma forte influência na narrativa, pois a mesma é utilizada como um interessante instrumento literário pelo qual Gógol torna o mais evidente possível aquele contexto social, o que confere, por sua vez, a forma velada da função feminina eminentemente

relacionada à violência simbólica da qual é vítima tanto as personagens femininas quanto os masculinos – evidenciando os ônus sociais de posições socialmente destacadas⁸.

É assim que Gógol elabora a estrutura propriamente romântica da narrativa, estilo Walter Scott e Alexandre Dumas. Isso se dá quando o narrador apresenta outro perfil feminino, tão jovial e belo quanto os filhos de Bulba, amalgamando beleza, ímpeto, aventura e juventude. A jovem possui a função literária de abalar toda a estrutura social e política inerente à “anárquica ordem cossaca”. Filha de um dos líderes do exército inimigo, assim como o jovem que se apaixona por ela é o filho caçula de Bulba, ambos compartilham de posições sociais privilegiadas. Residente em uma cidade sitiada pelos zaparogos, já esquelética pela ação da fome, a jovem consegue fugir da cidade, via passagem subterrânea que serve de velha e abandonada rota secreta entre as fundações da igreja o exterior dos muros da cidade (o que confere um aspecto romanesco semelhante aos romances de cavalaria), para roubar comida justamente entre os víveres do exército cossaco. Nisso, se depara com o filho Bulba que, *en passant* enamora-se dela. Eis a segunda função explícita do papel feminino, ou seja, fornecer o atrativo romântico por meio de uma jovem *mademoiselle*.

Se antes a mulher “velha, mãe e esposa” cumpre uma função propriamente de descrição social e política do contexto adulto, nesta parte da narrativa a personagem feminina é utilizada, por meio do realce de seus encantos joviais, como um recurso estilístico clássico, onde a própria jovialidade (comungada reciprocamente pelo filho de Bulba) exalta um típico sentimentalismo, característico da incipiente paixão juvenil (ainda que a tendência desta seja desfazer-se no mesmo futuro da mãe do rapaz). Gógol, bem sabendo que o homem belicoso em estado de natureza, afinal, também possui sentimentos e incertezas (na mesma proporção em que necessita de um contrato social que garanta um mínimo de paz e convivência), usufrui da seguinte narrativa que, pelo seu próprio caráter sentimental e apaixonado, é capaz de desencadear uma dissonância com o restante do contexto, o que é deveras essencial para tonificar esta parte do enredo:

Ela soltou a mão, colocou o pão na bandeja e, como uma

⁸ Sob este aspecto da narrativa de Gógol, é interessante destacar a seguinte concepção de Bourdieu (2017, p. 98). Conforme o autor: “de maneira mais geral, o acesso ao poder, seja ele qual for, coloca as mulheres em situação de *double bind*: se atuam como homens, elas se expõem a perder os atributos obrigatórios da ‘feminilidade’ e põem em questão o direito natural dos homens às posições de poder; se elas agem como mulheres, parecem incapazes e inadaptadas à situação”.

criança obediente, olhou bem nos olhos dele. Se uma palavra pudesse expressar aquilo... mas nem o cinzel, nem o pincel e nem a palavra de alto vigor são capazes de expressar aquilo que às vezes se vê no olhar de uma donzela, ou sequer aquele sentimento enternecido que envolve a pessoa que estiver mirando este olhar. (GÓGOL, 2011, p. 83)

Com a honra pessoal desafiada e correndo o risco de ser desacreditada perante os seus pares, o velho coronel cossaco não vê alternativa senão combater ao próprio filho, uma vez que o mesmo desertara do exército cossaco para as fileiras inimigas. Esta é a razão de preferi-lo morto fisicamente (pois para si, o mesmo já assim está) do que vivo – fato que se concretiza por meio de um filicídio. Após o término da guerra, na qual perde a ambos os filhos, o papel inferior e submisso associado à figura feminina é novamente ressaltado pelo próprio coronel, sendo inclusive utilizado como uma possível justificativa para o que Bulba entende ser uma fraqueza no espírito de seu filho caçula. Este diálogo fornece uma chave interpretativa sobremaneira interessante à análise crítica, conforme pode ser observado:

– Ora, e o que tem isso?

– Foi por ela que ele fez tudo isso. Quando um homem se apaixona, ele fica igual à sola molhada: pode-se dobrá-la como quiser.

Bulba ficou profundamente pensativo. Lembrou que é grande o poder de uma frágil mulher, que ele já arruinou muitos homens fortes e que a natureza de Andrii é vulnerável por esse lado; e então ele permaneceu ali pregado no mesmo lugar durante algum tempo. (GÓGOL, 2011, p. 94-95)

O desfecho da narrativa elucida o potencial estrutural e estruturante de condutas simbolicamente valorizadas e historicamente constituídas como, por exemplo, a forma como Tarás Bulba reage frente à morte de seus filhos. O seu caçula padece como um infiel covarde, enquanto seu primogênito, ainda que no cadafalso, morre ostentando aquilo que lhe fora inculcado como sendo a corajosa honra de um verdadeiro cossaco. Bulba, por sua vez, após ser perseguido e capturado, não capitula e morre apegado à sua causa, exteriorizando o poder existente em torno de um *habitus* que, por sua vez, exerce um poder social total quando fomentado reciprocamente pelas estruturas objetivas e subjetivas tanto internas quanto externas. Em outras palavras, ser um cossaco autêntico é tanto mais fácil e legítimo quanto mais próximo se está do

meio e dos estereótipos simbolicamente valorizados pelo grupo. Novamente encontra-se uma perfeita sintonia entre os enredos de Gógol e Bourdieu:

Por conseguinte, o que chamamos de “coragem” muitas vezes tem suas raízes em uma forma de covardia: para comprová-lo, basta lembrar todas as situações em que, para lograr os atos como matar, torturar ou violentar, a vontade de dominação, de exploração ou de opressão baseou-se no medo “viril” de ser excluído do mundo dos “homens” sem fraquezas, dos que são por vezes chamados de “duros” porque são duros para com o próprio sofrimento e sobretudo para com o sofrimento dos outros [...] (BOURDIEU, 2017, p. 78-79)

A perda de seu filho caçula não lhe causa tanta comoção quanto ao de seu primogênito, uma vez que o velho coronel sente-se desafiado em sua educação patriarcal com relação ao primeiro (pois fora um desertor do exército liderado pelo próprio pai). Gógol utiliza de um exemplo crudelíssimo (filicídio) para ressaltar o quão importante são as convenções sociais e as estruturas simbólicas perante uma determinada construção historicamente valorizada. Ademais, a mestria com a qual fora elaborada a narrativa torna-se patentemente colossal quando observadas as dinâmicas sociológicas realçadas através de valores como, por exemplo, virilidade, valentia e coragem; o que, por sua vez, somente fora possível através da função feminina na narrativa – a qual põe em evidência o ônus da virilidade, as vítimas da dominação masculina (homens e mulheres) e, também, a própria universalidade histórica de tal dominação (ainda tão patentemente atual).

Não é sem boas razões que pode-se afirmar que a literatura é uma excelente ferramenta, pedagógica ou diletante, que pode ser utilizada para o desenvolvimento e fomento das capacidades cognitivas, tal como sugerido por Zanetic (2006). No caso de Tarás Bulba, merece destaque (1) a representação das dinâmicas sociológicas presentes em uma sociedade ainda em construção, na qual se fundam os Estados modernos, (2) a universalidade histórica da dominação masculina, sua consequente divisão sexual do trabalho e a violência simbólica, (3) o poder das convenções sociais e de instituições historicamente constituídas e, por fim, (4) o fomento à percepção crítico-literária, especialmente relacionada à sensibilidade crítica de Gógol – e o melhor é que todos estes aspectos podem ser contextualizados, multidisciplinarmente, mesmo na realidade latino-americana contemporânea.

Considerações finais

A obra gogoliana possui algumas características singulares, especialmente por duas razões distintas, porém intrinsecamente amalgamadas, quais sejam: (1) o caráter satírico que reflete, sobretudo, a profunda percepção literária sobre a organização do corpo social, o que pode ser observado em suas mais bem acabadas expressões do gênero, ou seja, *O capote* e *Almas Mortas* e, (2) pelo seu viés histórico-literário, no qual foca com criteriosa acuidade nas crenças e tradições orais, especialmente oriundas da Ucrânia, registrando-as em contos, narrativas, novelas, etc., no qual os seus melhores frutos são os contos *Noite de Natal* e *Viy*. *Tarás Bulba*, por sua vez, é uma obra que consegue condensar perfeitamente bem ambos os aspectos que, aliás, em momento algum do legado gogoliano podem ser dissociados um do outro sem acarretar em algum prejuízo à interpretação literária (seja ela diletante ou crítica).

Ao elaborar o caráter épico desta narrativa, o autor necessariamente empreendeu-se no estudo e compreensão da sociedade a qual pertencia e, mais além, da formação desta. Escrita no início do século XIX, porém retratando o século XVI que, nas palavras do narrador fica conhecido por “selvagem século”, Gógol utiliza-se de vários instrumentos sociais e políticos como forma de corporificar estruturalmente a narrativa, o que a aproxima, sob determinados aspectos, da literatura naturalista que floresceria no final do século XIX (especialmente na França). Ao descrever uma saga épica, na qual abarca a construção e legitimação histórica de estruturas sociais e políticas, Gógol abre lacunas para usos políticos de sua obra (como foi o caso do regime político soviético), porém, também fornece interessantes subsídios para à compreensão do seu potencial cognitivo e epistemológico.

É com relação a este ponto que se pode proficuamente empreender uma interpretação das dinâmicas sociológicas presentes ao longo da narrativa, sendo esta uma das principais razões que torna *Tarás Bulba* uma obra perfeitamente interpretável sob a ótica do legado bourdieusiano. Dentre os principais destaques presentes sob este ponto analítico merecem destaque os seguintes: as convenções sociais, as construções historicamente constituídas, as relações entre as posses de capitais, o contexto do corpo social influenciando o indivíduo através da assimilação por parte deste (*habitus*) e, não menos importante, o poder decisivo que algumas instituições possuem em relação à dominação legítima sob o corpo social, como é o caso dos reflexos da dominação masculina.

A presença de convenções sociais é constante ao longo da obra, o que permite à análise crítica (mas também diletante) perceber como se estruturam algumas dinâmicas individuais. Por exemplo, a forma como o indivíduo se comporta socialmente pode ser observável pela sua assimilação ou não-assimilação do *habitus*, o que fica evidente no início e no fim da trama através dos filhos de Bulba. Outro fator interessante é a sincronia literária entre a teoria dos capitais (distinções sociais) com a própria trama; fato evidente através do

coronel Tarás Bulba. O narrador utiliza-se de sua posição socialmente privilegiada para explicitar as correlações existentes entre as posses de capitais (cultural, escolar, financeiro, social) e como isto reflete positivamente no meio social em que ele está inserido. Esta é uma das razões que permite ao narrador apresentar os filhos de Bulba como *necessários herdeiros* de determinadas distinções que os colocam socialmente a frente de seus pares.

Estas mesmas distinções sociais acarretam alguns bônus e ônus aos seus portadores, seja diretamente ou indiretamente, conforme fica explícito na relação entre Bulba e seus filhos. O sucesso destes últimos é decisivo, indiretamente, para a legitimação simbólica da posição de destaque (coronel, posteriormente *kochevói*) de Bulba, sendo inadmissível que sua prole recuse a seguir os preceitos de iniciação cossaca (coragem, valentia e virilidade, que são simbolicamente estruturados e estruturantes das posições sociais valorizadas como legítimas). Neste quesito possui forte importância o papel desempenhado pelas instituições (Família, Escola, Igreja, Estado), conforme ressaltado na narrativa; inclusive, uma das primeiras intuições cuja referência é explícita diz respeito à escola. É ao voltarem de um seminário que os filhos de Bulba são apresentados ao leitor, para só então, serem recepcionados pelo seu pai.

Há um interessante comentário do narrador sobre este aspecto inicial da narrativa, o qual menciona que este saber advindo do seminário (capital escolar, medido em diplomas ou certificados), é algo que “jamais será utilizado” para coisa alguma. O que se interpreta disto é que trata-se de um mero rito de passagem obrigatório aos filhos de família economicamente abastadas. A verdadeira fonte de instrução dos jovens cossacos é, *par excellence*, o *habitus* familiar, o qual é fortemente influenciado por disposições simbólicas e pelo papel da fé, encarnado na crença e obediência à Igreja Ortodoxa Russa. Nesse sentido, percebesse que o papel desempenhado por tais instituições é decisivo, tanto mais em uma sociedade como aquela descrita no “selvagem século XVI”. Este aspecto histórico é tanto mais interessante ao considerar-se que trata-se do período em que formam-se os Estados modernos, tal como são politicamente reconhecidos atualmente.

Temas como povo, soberania e território – a tríade que compõe o Estado – são recorrentes na trama, sendo este o matiz de fundo da mesma (as guerras e batalhas, que pela constância, tonaram-se o *habitus* cossaco). Sobre este aspecto é possível efetuar uma clara analogia/referência a duas obras clássicas precedentes a Gógol, mas que, no entanto, estão muito próximas ao contexto da trama: *O príncipe*, de Maquiavel e *O leviatã*, de Thomas Hobbes. A conquista do poder e a formação de um Estado soberano é algo presente em ambas as obras; todavia a constância cabe ao homem hobbesiano que, em seu estado de natureza, é altamente belicoso.

Ainda que a narrativa não sugira a necessidade de um absolutismo político (conforme sugerido por Hobbes), deixa explícito a necessidade da

existência de um contrato social (constituição) que legitime a existência do Estado (embora a ausência deste possa ser substituída, conforme a narrativa, por convenções sociais e instituições político-religiosas consideradas como legítimas). Este fato é também reforçado pelas disposições sociológicas veladas, tais como as convenções sociais e a própria incerteza política, tão evidente na reflexão pré-existencialista efetuada por um determinado personagem (que serve como fundamento para instituições sólidas e pacíficas).

O estilo realista da trama somente fora possível devido ao uso que Gógol faz do papel feminino de algumas personagens. Em outras palavras, Gógol torna a trama extremamente envolvente ao abordar dinâmicas veladas e/ou explícitas que somente são visíveis através da participação feminina na narrativa. Esta, por sua vez, é indubitavelmente necessária à estrutura do enredo, tanto como estrutura literária quanto personagem em si. Em outras palavras, são através das disposições femininas que o Gógol torna visível as dinâmicas sociais baseadas na divisão sexual do trabalho, compondo a tonalidade “viril” de boa parte dos personagens e dos cenários, ao mesmo tempo em que denuncia tal dominação. Ademais, o caráter romântico da narrativa somente fora possível com a inserção de uma mulher que, não por acaso, é jovem e bela.

É ao utilizar o relativo papel social da mulher que Gógol deixa explícito a universalidade e a historicidade tanto da dominação masculina quanto da sua correlata violência simbólica, exatamente segundo Bourdieu (2017). A função feminina das personagens é composta de acordo com duas concepções socialmente reconhecidas naquele contexto, ou seja, a maternal e a conjugal. No entanto, é na sua forma velada que esta é mais perceptível, pois serve como evidente antagonismo às objetivações simbólicas reconhecidas como legítimas pelos cossacos (a virilidade, valentia e bravura viril, cujo antagonismo feminino é a fraqueza, fragilidade e preferência pela segurança do lar) – uma construção historicamente legítima e legitimadora (assim como universal) de uma sociedade predominantemente machista.

Tal recurso literário é responsável sobremaneira pelo caráter realístico (e atual) da trama. É através deste jogo de predisposições sociais que Gógol evidencia magistralmente bem como a violência simbólica da dominação masculina pode fazer suas vítimas, tanto entre os homens quanto entre as mulheres. Inclusive, a divisão sexual do trabalho é capaz de influenciar a tal ponto o corpo social e a assimilação deste pelo indivíduo que, valores como virilidade, coragem e honra são sinônimos de disposições indistintamente masculinas. Gógol aborda esta conjuntura para de tal forma que consegue compor o clímax do enredo por meio de um cruelíssimo exemplo, ou seja, o filicídio. Ademais, é ao ler esta obra que percebe-se o eco tanto da universalidade quanto da atualidade histórica da dominação masculina, exatamente como referiu-se Bourdieu (2017). Todavia, é no desfecho da obra que se pode observar uma das mais intensas demonstrações do característico (e atual) sarcasmo típico da obra gogoliana.

As capacidades cognitivas, especialmente em termos sociológicos, são facilmente perceptíveis quando se observa a população acotovelando-se em meio a uma praça pública, onde estão dispostos os poderes oficiais e, distintamente, as variadas posições sociais de classes e grupos. É entremeio a uma aclamada execução pública (do filho primogênito de Bulba) que o narrador descreve o insipiente comportamento sociopolítico dos cidadãos frente aos momentos historicamente decisivos de sua sociedade: “*algumas pessoas discutiam acaloradamente, outras até faziam apostas*”, mas, infelizmente, “*a maior parte é daqueles que olham para o mundo e seus acontecimentos cutucando o nariz com o dedo*” (GÓGOL, 2011, p. 153). Acaso esta ácida crítica não poderia ser facilmente contextualizada na sociedade atual, na qual permeiam cenas da mais grotesca indiferença? Eis uma das razões que tornam esta obra um clássico, assim como o autor um imortal.

Referências

BITTENCOURT, Rodrigo P. O Folclore Ucraniano em duas narrativas de Gógol. **BABEL: Revista Eletrônica de Línguas e Literaturas Estrangeiras**, n. 11, jan./jul. de 2017. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/babel/article/view/3433/2355>. Acesso em: 14 nov. 2017.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Tradução de Maria L. Machado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

_____. **Pierre Bourdieu entrevistado por Maria Andréa Loyola**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002.

_____. **O poder simbólico**. Tradução de Fernando Tomaz. 10º Ed. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2007.

_____. **A Distinção: crítica social do julgamento**. Tradução de Daniela Kern e Guilherme J. F. Teixeira. 2º ed. 1 reimpr. Porto Alegre, RS: Zouk, 2013.

_____. **A dominação masculina: a condição feminina e a violência simbólica**. Tradução de Maria H. Kühner. 5º Ed. Rio de Janeiro: BestBolso, 2017.

_____; PASSERON, Jean-Claude. **A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino**. Tradução de Reynaldo Bairão. 6º Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

CAVALIERE, Arlete. Traduzir Gógol: um problema da teoria e prática da tradução criativa. **Revista de Estudos Orientais**, nº 5, 2006. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/reo/article/view/90717/93428>. Acesso em: 14 nov. 2017.

GÓGOL, Nikolai. **Tarás Bulba**. Tradução de Nivaldo dos Santos. São Paulo: Editora 34, 2011.

_____. **O capote e outras histórias**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Ed. 34, 2010. (Coleção Leste).

HOBBS, Thomas. **Leviatã, ou Matéria, forma e poder de um Estado eclesiástico e civil**. Tradução de Rosina D'Angina. 1º Ed. São Paulo: Martin Claret, 2014.

MAQUIAVEL, Nicolau. **O príncipe**. Tradução de Maurício S. Dias. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2010.

SALES, Denise R. A comida na literatura de Gógol e a sua tradução para o português. **XIII Congresso Internacional da ABRALIC**, 08 a 12 de julho de 2013. Campina Grande, PB. Disponível em: http://www.abralic.org.br/anais/arquivos/2013_1434330130.pdf. Acesso em: 14 nov. 2017.

SANTOS, Nivaldo. Introdução, tradução e posfácio de Tarás Bulba. *In.*: GÓGOL, Nikolai. **Tarás Bulba**. São Paulo: Editora 34, 2011.

WEBER, Max. **Ensaio sobre a teoria das ciências sociais**. Tradução de Rubens Eduardo Frias. 2º Ed. São Paulo: Centauro, 2003.

ZANETIC, J. Física e literatura: construindo uma ponte entre as duas culturas. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, v. 13 (suplemento), p. 55-70, outubro 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v13s0/03.pdf>. Acesso em: 26 out. 2017.

Sociological dynamics and the role of women in Taras Bulba, of the Nikolai Gogol: the literary-historical composition of a virile society.

ABSTRACT

Tarás Bulba, Nikolai Gogol is a novel worldwide consecrated by portraying the epic saga of the Cossacks, i.e. in the middle of the 16th century "wild" This article is the result of the sociological and literary analysis of two structural points of the narrative: (1) the conversion of the hobbesian man in his state of nature for an internship civilized, with formation of multiple social structures and the modern State, and (2) the feminine condition, both in its role in relation to the narrative structure regarding their participation as a character. Such an analysis of the plot demonstrated the profound literary sensitivity of Gogol, at the same step in which stressed complex social dynamics and symbolic, with special emphasis on the historicity and universality of masculine domination, as mentioned Pierre Bourdieu. In addition, bourdieusians concepts as *habitus*, field and symbolic violence are also listed in the Tarás Bulba, which reflects its

cognitive potential.

Keywords: Masculine Domination, Literature, Society, Tarás Bulba.